

LICENÇA PARA ENTRAR

Para começar nada melhor do que perguntar, o que poderia haver de comum entre laboratórios de pesquisa científica e filosofia? Ou, mais especificamente, de que maneira se poderia aproximar um laboratório de pesquisa do exercício a uma determinada reflexão filosófica? Aparentemente nada. O primeiro, em princípio, tem a massa física e, particularmente, a musculatura como objeto de trabalho. A segunda dedica-se a pensar. Portanto, a natureza de um laboratório do exercício físico parece ser diametralmente oposta e não oferecer espaço ao exercício do pensamento filosófico. Pelo menos, o habitual desenvolvimento acadêmico da filosofia não encontra, nos laboratórios, o seu lugar apropriado. Os filósofos de ofício apreciam enclausurar-se em seus santuários. Mesmo assim, afirmar, antecipadamente e sem maior observação, a desvinculação entre laboratórios e filosofia pode representar um engano surpreendente. Nos lugares mais inóspitos, há sempre condições de vida. Tudo pode se transformar em fonte de inspiração. Aí, onde não se espera, pode haver filosofia e, talvez, marcando uma presença muito mais significativa do que se supõe. A filosofia, segundo Carneiro Leão, poderá "desempenhar uma força existencial incontável. (...) pode muito bem estar em consonância com as molas profundas, que acionam o acontecer histórico da humanidade". (Aprendendo a Pensar p. 13). Paradoxalmente ela está onde não está.

Analisando o regimento interno do Lapex (laboratório de pesquisa do exercício), entretanto, nada parece apontar para algum espaço da reflexão filosófica, pelo menos, explicitamente. Ao descrever o laboratório e identificar os seus objetivos não se percebe nenhum sinal, nenhum aceno, exigindo do pesquisador uma formação filosófica e nem a necessidade de princípios filosóficos para validar seus projetos, experiências e resultados. E, pode-se perguntar, deveria fazê-lo? E se não o fez, já que nenhuma norma e pré-condição lhe exigiam, onde estaria a legitimidade, depois de vinte e cinco anos, alguém pretender falar em nome da filosofia?

Acredito ser importante observar que a filosofia, em princípio, não tem um lugar específico e, também, não pertence, seguramente, a uma classe intelectual determinada, ainda que se fale em filósofos, em cursos e em escolas de filosofia. Este é o tratamento que a organização universitária, mais recente, reservou para a filosofia enquanto atividade de conhecimento distinta das demais ciências. Houve, entretanto, uma época, não muito distante, que a filosofia perpassava todos os saberes. Fichte (1762-1814), um nome identificado com a organização da Universidade de Berlim, em seu plano racional para estabelecer na Alemanha um estabelecimento de ensino superior, escrevia: o artista (especialista), em cada ciência especial, teria que chegar, antes de mais nada, a ser um artista (especialista) filosófico, e sua arte especial seria somente determinação mais ampla e aplicação particular de sua arte filosófica geral". Na obra, Pensamentos Ocasiais sobre

Universidade no Sentido Alemão de Schleiermacher (1768-1831), escolhida como modelo para a criação da futura Universidade de Berlim, lê-se o seguinte: "... a primeira e o centro da Universidade é a Faculdade de Filosofia que, de fato, é a senhora de todas as outras, pois todos os membros da Universidade, a qualquer Faculdade que pertençam, devem estar enraizados nela". E conclui afirmando categoricamente: "Todos têm que ser, primeiramente, estudantes de filosofia". Todas essas idéias foram lançadas no início do século XIX como fontes inspiradoras da Universidade de Berlim que se tornou a Universidade Exemplar da Modernidade. (Col. Pensadores).

Hoje, evidentemente, a filosofia não merece mais esse destaque, dado no século passado por Fichte e Schleiermacher, ao estabelecer a organização das faculdades no interior de uma nova Universidade que devia superar a tradicional Universidade de estilo medieval. As ciências positivas dispensaram a reflexão filosófica por vê-la como uma atividade estéril, improdutiva, por vezes, incômoda e inútil.

A filosofia, aliás, como qualquer outra ciência, especialmente quando inovadoras, nem sempre gozou de plena liberdade no interior das organizações universitárias, mesmo tendo o lugar mais nobre. Ela continuou viva e ativa, talvez, mais fecunda, fora do círculo acadêmico. Em certos momentos fica evidenciado que ela se mostra mais fecunda extra-muros universitários. A voz mais forte desta liberdade do pensar filosófico pode estar sintetizada nestas palavras de Nietzsche (1844-1900), em *Gaia Ciência* (*Froehliche Wissenschaft*), "a filosofia vive nas geleiras das altas montanhas, tendo por única companhia o monte vizinho, habitado pelo poeta". Foi com esse filosofar que ele continua, ainda hoje, para os filósofos não racionalistas, o referencial maior de rebeldia contra controles de sistematizações filosóficas. Provavelmente o filosofar nietzscheano seja o mais adequado para se fazer presente num laboratório de pesquisas científicas.

Não há nenhuma ousadia em afirmar que o específico do filosofar é o de acontecer em qualquer lugar e, segundo Kant, em plena liberdade pela iniciativa de todos aqueles que decidem pensar, ou seja, refletir. Talvez, por causa desta ausência de limites e de controles, facilmente, julga-se que ela não está presente e é inútil, dispersiva ou, pior, desagregadora e nociva para o alcance de resultados imediatos.

Neste caso, qual seria o papel do filósofo? Sem dúvida, nenhuma, pois a tarefa da filosofia, seguindo o pensamento de Merleau-Ponty, não é de dar a seus ouvintes ou leitores, verdades adquiridas, mas a idéia de uma pesquisa livre. E continua dizendo que, "o que faz o filósofo é o movimento que reconduz ininterruptamente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e numa espécie de repouso neste movimento". (*Eloge de la Philosophie* p. 11). Por sua vez, Heidegger, em seu pequeno livro, *Holzwege*, (*Caminhos da floresta*), parece completar estas idéias dizendo que "A reflexão é a coragem de tornar a verdade de nossas pressuposições e o alcance de nossos próprios fins em coisas que, sobretudo, são dignas de serem questionadas".(p. 8). Portanto, diante da solidez das verdades e certezas que circunda o mito dos laboratórios, pode-se concluir que o específico da filosofia consistiria em indagar sobre os pressupostos, os interesses e as conseqüências das

pesquisas, o que, talvez, nos leve a arrombar verdades e abalar certezas, nas quais estamos enclausurados, e rever os fins que nos tornaram míopes, senão, cegos.

Partindo destas observações é possível aproximar o exercício de filosofar aos exercícios de exercitar-se, propostos por um laboratório de pesquisa do exercício. Trata-se, nos dois casos, de exercícios, ainda que não se precise dos mesmos recursos para serem executados e nem tenham os mesmos objetivos. Falta saber quais os elos que unem esses dois tipos de exercícios, colocados pelo nosso fazer acadêmico, em territórios tão distantes, mas que poderiam - deveriam? - estar juntos.

Diante do exposto torna-se possível aproximar o filosofar e o laboratórios de múltiplas maneiras, tudo depende das atitudes e dos princípios filosóficos adotados por quem decide, em sua liberdade de pensar, acessar filosoficamente um laboratório.

LABORATORISTAS E FILÓSOFOS

Partindo da ideia heideggeriana de que a filosofia é o exercício de pensar ou, se quisermos, de refletir, qualquer laboratório traz embutidos em si mesmo os princípios filosóficos que o sustentam. Então vejamos. Quando o laboratório começou a funcionar, uma filosofia já estava instalada. No planejar um laboratório, ao se definir suas finalidades e ao dar-lhe uma denominação, obrigatoriamente, tudo é feito em nome de uma filosofia ou de uma ideologia, entendida como um conjunto de ideias e princípios fundadores de tudo o que se pretende planejar e, posteriormente, executar. Quando se define o tipo de realidade a pesquisar ou se prevê as aplicações a que se destinam seus resultados, sem dúvida, não se está agindo em nome da prática laboratorial, mas da intencionalidade primeira que antecedeu todo seu planejamento.

Além dessa pré-história filosófica de um laboratório, e nenhum projeto humano escapa de tal pré-história, a filosofia continua presente, mesmo que ninguém se disponha a cultivá-la explicitamente. A filosofia não precisa ser exercitada teoricamente para garantir sua presença, ela está presença como prática. Ela desempenha sempre o papel de fundo, segundo a teoria piagetiana de forma e fundo. Todo ser humano age fundado em valores, em intencionalidades, em significados subjetivos que, certamente, não são considerados elementos da pesquisa científica. Entretanto, queira-se ou não, eles constituem o pano de fundo de toda iniciativa humana. Os aparelhos, simples ou sofisticados, os estimulantes químicos ou placebos e as técnicas, esses, sim, executam suas tarefas no laboratório, sem nenhuma consciência valorativa. O ser humano, por mais que relute em convencer-se de que está fazendo apenas experiências científicas, não pode fugir do suporte valorativo que o impulsiona.

Pensando assim, pode-se afirmar que há uma convivência diuturna entre a filosofia e o fazer científico. É como o cérebro que não pode deixar de pensar. Nunca deixamos de pensar, nem mesmo durante o sono por mais profundo que seja. Seria, segundo diz o Prof. Carneiro Leão, a possibilidade exclusiva da filosofia de estar presente, mesmo quando ausente. É uma presença pela ausência. A sua presença se manifesta silenciosamente - aliás,

diz Nietzsche, que as ideias mais fortes chegam em passos de pomba - na busca da verdade, na vontade de saber e de poder ou no desejo de dominar, elementos presentes subliminarmente nos experimentos e pesquisas, e que se transformam em pesos e medidas, em fórmulas e equações, em tabelas e estatísticas, armas poderosas de controle e de poder.

A filosofia, entretanto, não se conforma com esta presença subalterna, ainda que intrigante, nas tarefas do pesquisador. Ela acaba exercendo seu papel específico, que é o de refletir ou questionar, mesmo ficando, aparentemente, do lado de fora. Aparentemente, porque ela está dentro escondida nas fissuras dos experimentos.

Sob esta ótica, laboratoristas e filósofos podem começar um diálogo construtivo ou uma polêmica desgastante e interminável. Parte desses diálogos, mais polêmicos, já são demasiadamente conhecidos, inclusive seus resultados e consequências. Portanto, a presença ativa do filosofar no interior das práticas dos laboratoristas poderia começar pela retomada das velhas questões, que surgiram desde o final do século passado, com a distinção entre ciências naturais (Naturwissenschaften) e ciências humanas (Geisteswissenschaften) apresentada por Dilthey (1833-1912). Como decorrência, não por vontade do autor, já sabemos, colocam-se em lados opostos e inconciliáveis os cientificistas e os humanistas. A oposição, até certo ponto, pode ser artificial quando um exclui os valores que o outro cultiva. É certo que os juízos de valor não fazem parte dos juízos positivos das ciências. Neste sentido, Jacques Monod adverte que isto não significa, necessariamente, uma negação dos mesmos. Fica claro, contudo, que se eles não fazem parte do conhecimento científico, o fato acaba por desconsiderar o lado humano da realidade investigada. O homem pode ser reduzido a genes, cromossomos ou genomas e nada de sentimentos, emoções ou consciência. Hoje fica mais fácil que tais dimensões sejam consideradas pelos cientistas, caso aceitem as a teoria da biologia Maturana que apresenta a impossibilidade do homem pensar e agir sem o concurso das emoções. Se o homem é um ser pensante, é também um ser emocionante. A situação fica ainda mais clara diante dos resultados da pesquisa em neurobiologia apresentados por António Damásio em suas obras, O Erro de Descartes e Os mistérios da Consciência. Para Damásio o Eu tem uma base neural e a consciência é um desempenho do cérebro.

Um dado fundamental a favor da união entre reflexão filosófica e pesquisas laboratoriais é que o laboratorista não precisa de um filósofo profissional, ele mesmo pode tornar-se filósofo, pois segundo nos dizem muitos pensadores, todo homem é filósofo, entretanto, não se pode dizer que todo homem é cientista.

Outro ponto polêmico aparece na dualidade objetividade/subjetividade. Hoje, parece, que as tensões ficaram um tanto suavizadas diante da constatação de que o próprio cientista age em nome de um processo de produção de conhecimentos que tem suas raízes na subjetividade. Em outras palavras, a cientificidade, mesmo a dita moderna, como modelo de abordagem da realidade, é subjetiva por ser um produto ou artefato do homem. O objeto científico não é da natureza. A ordem matemática e geométrica é um artifício da racionalidade cognitivo-instrumental.

Decorrente da dualidade sujeito/objeto desenha-se o espaço onde se instalam as complexas diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos. Evidentemente, aqui, também, as ciências humanas e as ciências exatas situam-se em campos contrários. Entretanto, como as ciências humanas não conseguiram criar um método específico - tenho dúvidas que o consigam caso tentem colocar o rigor e a objetividade como critérios fundamentais - acabaram por adotar os métodos das ciências empíricas, o que, no meu entender, as reduziu a remedos de ciência. E é preciso ser ciência. Não é o caso de perguntar, como o fez Feyerabend, não sei o que tem de especial o conhecimento científico para ser tão valorizado?

Neste contexto todo, pode-se concluir com Michel Foucault que a ciência é época. A cientificidade não é um dado único e universal, mas resultado de um projeto epistemológico de uma determinada época e cultura. Ou simplesmente dito, cada cultura num determinado momento histórico inventa sua cientificidade, isto é, seu modo de produzir conhecimentos para o seu consumo e fundamento de seus ideais de progresso. O modelo de nossa cientificidade inventou as ciências modernas, as quais se tornaram seu monopólio e desenharam os templos onde realizam seus rituais. Desta forma, as descrições etnográficas de Latour em *A Vida de Laboratório*, levam à conclusão de que os laboratórios são oficinas previamente construídas e aparelhadas para construir a realidade científica da realidade. Assim sendo, afirma o Prof. Carneiro Leão, "a ciência moderna é uma possibilidade historicamente concretizada do homem, em primeiro lugar, do homem ocidental". (*Aprendendo a Pensar* p. 14). Antes de qualquer saber científico a vida humana já era orientada pelos saberes que se confundem com os fenômenos existenciais. Sempre que nos referimos à origem da ciência, automaticamente admitimos a possibilidade de o homem existir sem ciência, ainda que, hoje, não possamos nos livrar da situação histórica em que de fato existimos. Isto, é óbvio, não nega seu caráter episódico.

Seguindo esse roteiro de raciocínio chega-se a duas intrigantes perguntas. A primeira seria a ciência atual, moderna a última e suprema instância do saber humano ou haveria outro modelo de saber mais originário em que se lançam os fundamentos de uma nova era e de uma nova humanidade? Neste caso, e aí surge a segunda pergunta, a ciência teria chegado ao fim e qual seria o novo paradigma? Segundo denuncia John Horgan, a resposta é afirmativa. A ciência chegou ao fim. Faltou desenhar a nova ciência. A proclamação do fim da ciência estaria baseada no esgotamento da mesma? Ou seriam os desvios de percurso? Caso se trate de esgotamento, evidente que seu fim é questão de tempo. Mas se se tratar de desvios, basta um redirecionamento. Parece que há um consenso sobre o esgotamento, já que seu modelo é essencialmente incapaz de solucionar muitos problemas, inclusive, alguns que ela mesma provocou.

Para completar este curto roteiro não se pode esquecer de dar maior atenção ao trabalho publicado por Bruno Latour, auxiliado por Steve Woolgar, *A VIDA DE LABORATÓRIO - A produção dos Fatos Científicos*. Latour penetrou, no sentido literal da palavra, no Laboratório de Neuroendocrinologia do Instituto Salk, na Califórnia, onde passou dois anos mergulhado na desordem heterogênea e confusa de sua vida interna, disposto a conhecer a

aventura de uma descoberta científica e estudar os pesquisadores como se fossem uma tribo exótica. Inspirado na filosofia, na sociologia e na antropologia descobriu que poderia, aplicando o método etnográfico estudar a vida de um laboratório. Como conclusão desta descoberta escreveu: "Perguntei-me então o que dizer do discurso científico se ele fosse estudado com o cuidado que os etnógrafos têm quando estudam as culturas, as sociedades e os discursos pré, para ou extracientíficos?". Foi assim que a indústria, a técnica, a ciência e a administração da produção científica receberam um estudo de pessoas estranhas ao seu ambiente, observadas com uma metodologia que a antropologia havia adotado nos estudos com grupos étnicos de costumes exóticos, representações simbólicas diferentes e tradições culturais complexas. Esta análise inédita, além de mostrar que é possível entrar no laboratório, sem entrar na ritualidade de suas pesquisas, pode-se, também, pesquisá-lo por dentro tendo como objeto a produção social do objeto científico.

ORIGENS COMUNS E CAMINHOS DIFERENCIADOS

Laboratórios e reflexões filosóficas possuem uma raiz comum, a vontade de verdade ou do saber verdadeiro. Assim como cientistas e poetas têm o mesmo objetivo da visão da natureza, embora, um procure a verdade e o outro, a beleza. Ou, então, conforme Henri Atlan, tanto a tradição talmúdica, quanto o método experimental científico buscam o mesmo objetivo dar uma resposta ao problema da significação da estrutura do Universo. Fica cada vez mais claro que a subjetividade do poeta e das tradições religiosas não é uma ilusão, é uma outra parte do real, não menos importa que subjetividade/objetivada das ciências.

As diferenças, no caso da ciência e da filosofia, predominam porque se privilegiam os caminhos percorridos, isto é, a metodologia, que não são seguem os mesmos rumos, e não os temas. Ciência e filosofia perseguem o mesmo ideal de busca da verdade. O fator verdade, diz Ernildo Stein, representa o Têlos (finalidade) a ser atingido pela ciência e pela filosofia. Na caminhada rumo à verdade ambas agem em nome da racionalidade. Isto não garante que verdade e racionalidade, de uma e de outra, não rezem pelo mesmo estatuto.

Para esclarecer melhor a questão, é bom observar que, tanto a filosofia quanto a ciência estão na base de fatos históricos correspondentes a três grandes níveis. O nível do conhecimento, o nível do social e o nível do político.

A filosofia, na sua origem grega, define-se como o amor à sabedoria inaugurando o pensamento racional. Sua verdade é aquela que leva à intelecção contemplativa da natureza e define a epistheme (ciência). Socialmente concretizou-se pela Polis, cujo momento histórico maior estaria encarnado pela Democracia Ateniense, que define a organização política caracterizada por um governo aristocrático, constituído por uma elite pensante e intelectualizada, por isso, encarregada de traçar e reger os destinos de toda a sociedade.

A ciência entregou-se obsessivamente à exploração do inesgotável manancial da racionalidade, proclamando que não há limites para os poderes e as luzes da razão. Sua meta é a verdade transformada em guia para a ação. A verdade contemplativa dos gregos torna-se intervencionista. Clifford, no século passado, mostra essa mudança de rumo

dizendo que "a verdade da ciência não é a que podemos idealmente contemplar sem erro, mas aquilo sobre cuja base podemos agir sem temor". (Apud Bronowski. O Senso Comum da Ciência p. 109). Foi essa maneira de pensar que nos levou a algumas idéias aceitas normalmente sem sobressaltos. A verdade, guia para a ação, gera a técnica. A ordem social, filha da ciência e da técnica, chama-se sociedade industrial. Sua ação política concretizou-se com o Estado Moderno, alicerçado sobre uma suposta harmonia do exercício de três poderes, Legislativo, Executivo e Judiciário, mas dominado pela ideologia da tecnocracia ou, como diz Japiassu, da cinto-tecnocracia.

Os laboratórios, supostamente lugares neutros e imunes a contaminações ideológicas, tornaram-se o lugar privilegiado da produção do saber científico, o único reconhecido como verdadeiro e válido. É ali, conforme constatou Latour, onde os fatos são construídos por operações concebidas, e, o que é mais importante, a realidade é a consequência, e não uma causa desta construção, o que significa que a atividade do cientista é dirigida, não para a "realidade", mas para essas operações realizadas sobre enunciados. (Op. Cit. p.267).

A filosofia, atualmente, encontra-se fora deste trinômio, saber, poder e ordem social. A sua verdade não se dirige para a indústria, como consequência, seu saber deixa de ser poder, e a ordem social dirige-se mais pela ação produtiva do que por ideologias. Alijada do sistema produtivo de conhecimentos aplicáveis, a filosofia torna-se uma freqüentadora da marginalidade e aliada dos saberes inferiores das ciências não-alinhadas, hoje, definidos como saberes alternativos. Nesta situação, "longe das grandes máquinas sociais, a ciência menor funciona como produtora de obstáculos para o fator verdade. Trabalha na derrota do mesmo para lhe cortar o fluxo de um discurso de dominação e manipulação".(E. Stein Geempa, n.1, 1993))

Para concluir esta rápida descrição sobre o que aproxima e o que distancia os saberes observa-se que, em qualquer caso, há sempre rituais que validam conhecimentos como verdadeiros e, ao mesmo tempo, investe pessoas como legítimos operadores destes rituais. Na antiguidade, na era do conhecimento pré-racional e pré-científico, o lugar das revelações divinas dava-se no alto das montanhas, na solidão do deserto ou no silêncio das cavernas. Os depositários destas mensagens eram indivíduos, geralmente em êxtase, que viam e ouviam figuras e vozes celestiais anunciando a manifestação da vontade de Deus e o destino dos homens.

Rompendo com essa tradição dos saberes vindos do além, o pensamento racional apresentou-se como sendo o fruto de uma meditação, ou reflexão, praticada por indivíduos guiados pela razão, a capacidade de desenhar os grandes princípios, inscritos no interior da mente humana, responsáveis pela própria realidade. Eles antecederam e se sobrepunham a tudo. Não eram extraídos da realidade, mas responsáveis pela mesma. O racional antecedia o real.

As ciências positivas inverteram esta ordem colocando o real antes do racional. A realidade passou-se a acreditar, revelaria a verdade. O laboratório surge como o novo lugar das revelações e manifestações da verdade vindas da própria realidade. É aí que a realidade

objetiva diz o que ela é. Sob os estímulos postos, verdadeiras iscas, por homens sisudos, sérios, despidos da vulgaridade dos sentidos, sentimentos e emoções, apenas possuídos pela razão, a realidade se desnuda e confessa o que ela é.

RECURSOS LITERÁRIOS

A linguagem e o fazer científicos homogeneizam os pesquisadores como se fossem portadores de uma razão pensante coletiva, e universaliza os procedimentos de raciocínio e as teorias formuladas. Fugindo de conceitos e de definições categorizantes, talvez, seja possível apelar para recursos literários, inspirados no imaginário poético e não na logicidade da razão. Para que isso aconteça é necessário sair desses laboratórios, onde, segundo a categorização de Boaventura de Sousa Santos, pontifica absoluta a racionalidade cognitivo-instrumental, e, porque não dizê-lo, base das filosofias racionalistas. O que não significa negar-lhes as contribuições maravilhosas dentro de sua esfera de atuação. A saída nada mais é do que valer-se de um outro tipo de racionalidade, ainda segundo Boaventura, a racionalidade estético-expressiva. (Boaventura de S. Santos. Pela Mão de Alice)

Os parâmetros da racionalidade cognitivo-instrumental, entretanto, pouco ou nenhum valor reconhece na racionalidade estético-expressiva, inspiradora das artes e da literatura. Estas não passam, para usar a linguagem dos experimentos, de um placebo.

As filosofias não racionalistas, embora não possam desdenhar os grandes méritos da ciência, encontram, ao contrário desta, inspirações fecundas na poesia, no teatro, na dança, na pintura, no romance, na música e na escultura. É na racionalidade estético-expressiva que a reflexão filosófica atinge sua fecundidade inovadora e seu maior brilho libertário. Se para a ciência, a poesia e a arte são o vestígio romântico de uma mentalidade pré-lógica, que esgotou seus efeitos e acabou o seu tempo, o mesmo não se dá para a filosofia. É em nome deste romantismo, supostamente morto, e desta pré-logicidade, tratada como anacrônica e inoperante, que a reflexão filosófica, ao longo de toda a história racional, se renova e desenvolve os argumentos mais fortes para colocar em crise o latifúndio do saber científico, proclamando os direitos de saberes e valores manifestos pela linguagem poética e pelas formas estéticas.

A racionalidade estético-expressiva, mais que por raciocínios lógicos, ela se exterioriza por comparações e metáforas. Com este espírito pode-se invocar um fato muito significativo que aconteceu com o pintor Matisse. Conta-se que Matisse (1869-1954), em sua vasta e rebelde obra, pintou vários quadros de mulher, entre os quais Odalisca, As três Irmãs, As duas Amigas etc., numa exposição de seus quadros, uma admiradora aproximou-se dele e dirigiu-lhe estas palavras: "prezado senhor, permite-me fazer-lhe uma observação, a mulher, representada neste seu quadro, tem uma perna diferente da outra". Matisse, com muita tranquilidade e compaixão respondeu-lhe: "minha distinta senhora, isto não é uma mulher, mas um quadro".

Tal fato, penso, pode ser transferido para as técnicas de treinamento. Em lugar de quadros, encontramos atletas. O pintor pinta quadros. Usa traços e cores. O treinador

condiciona atletas. Usa exercícios e técnicas. Assim, diante de atletas em plena competição ouvimos os jornalistas exclamarem triunfalmente estes não são homens, são máquinas de correr ou de saltar. E, de fato, se fixarmos nosso olhar nas musculaturas contraídas de seus rostos, acabaríamos por dizer que mais se parecem com fisionomias humanas deformadas ou, pior, com monstros.

É indispensável observar que a comparação tem um sentido muito diverso, mas a distância que Matisse via entre o quadro de mulher e a mulher de carne e osso, pode ser a mesma que se dá entre o homem atleta e a pessoa viva e presente. Em ambos os casos a ação sobre o ser humano obedece a valores vindos de fora. O artista tem uma mensagem a transferir na figura, no caso de Matisse, de uma mulher. Ele, entretanto, não atua diretamente sobre uma mulher, mas transfere tudo para uma tela. O treinador de atletas tem a tarefa de agir diretamente sobre o indivíduo. Neste caso, a responsabilidade é muito maior. Muitas vezes só se utiliza a racionalidade cognitivo-instrumental, deixando-se de lado as duas outras racionalidades, a moral-prática e a estético-expressiva. O artista trabalha fundamentalmente com a racionalidade estético-expressiva.

Se sairmos da esfera visível das fisionomias e entrarmos na intimidade subjetiva, encontraríamos um mundo surpreendente. Todo esse universo interior fica prejudicado pelas exigências de uma exteriorização em obediência a um projeto vindo de fora. Seja nas deformações de uma obra de arte, seja nas construções de um atleta de alto rendimento.

Para os pesquisadores, baseados nas descobertas em sítios arqueológicos de todo o mundo, confirmam que o adorno marca o momento em que o homem passa a "dominar o mundo de modo real e simbólico". Alguém poderia dizer que o adorno dependia de uma técnica e de um conhecimento prévio. Sem dúvida nenhuma, pode-se concordar absolutamente com esta observação, a confecção do adorno depende de conhecimentos e de técnicas. Como contra ponto, não se pode deixar de reconhecer que entre a cientificidade e a tecnologia do adorno e as da construção de autômatos e de robôs, existe um abismo intransponível. O mesmo se pode dizer, que separa a magia ou a alquimia, das ciências empíricas modernas.

Para melhor apresentar esta diferença nada melhor do que recorrer à linguagem cartunista de Henfil.

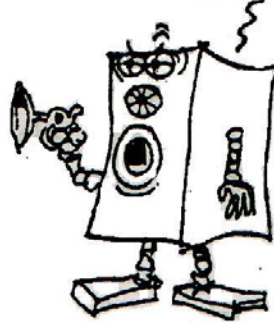
OS SENHORES SÃO
RESPONSÁVEIS PELO
DESAPARECIMENTO
DE DOIS ROBÔS!
ESTÃO PRESOS!



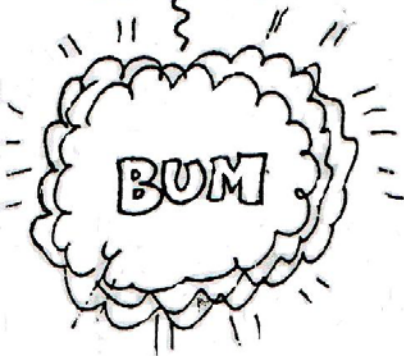
MAS NÓS SÓ
PERGUNTAMOS
PARA ÊLES O
QUE ERA BELEZA...



ESSA NÃO!
O QUE É
BELEZA?
BELEZA?



O QUE É
BELEZA?
BELEZA?



2x1 PARA
MIM!



Weyzel

Voltando às pesquisas arqueológicas, a dança teria inaugurado a linguagem afetiva das sociedades primitivas, o que pode ser verificado nas crianças de hoje também. Dançar é realizar uma forma elementar de comunhão organizada. A dança seria a primeira celebração da humanidade. Hoje, a dança, aperfeiçoada por sofisticadas tecnologias de treinamento, oferece espetáculos acrobáticos e, porque não, artísticos, mas substituiu a linguagem afetiva celebrante pela linguagem tecnológica da competição. O movimento físico tornou-se gesto esportivo identificado como uma ação mecânica. O movimento humano mecanizado, também é específico do ser humano, pois o animal não inventou a técnica, mas, o que se deve destacar é que no movimento humano mecanizado, o que interessa não é o aspecto humano e sim a tecnicidade. O valor determinante é a técnica performativa.

Os pensadores não racionalistas presumem que certos afluentes do pensamento pré-lógico, irracional em aparência, permanecerão muito tempo como uma necessidade da qual o espírito humano não saberia privar-se sem prejuízo irreparável. É o que alimenta a esperança de rever as tecnologias do exercício.

O predomínio do científico e do tecnológico fez com que todas as atividades, capazes de serem mercadejadas, se tornassem áreas de investimento. Os laboratórios criam e aplicam os procedimentos tecnológicos adequados para que os seus praticantes entrem neste processo de máquinas rentáveis segundo o sistema comercial instalado. Cada laboratório investe na sua especialidade. Um laboratório do exercício, seguindo nesta toada ideológica, poderá centrar seu olhar sobre o aperfeiçoamento do movimento em direção a práticas esportivas de alto rendimento. Roberto Trindade, articulista da Folha de S. Paulo, alerta que "com o desejo de criar futuros campeões, desenvolveu-se, no mundo inteiro, uma mentalidade esportiva voltada para um treinamento precoce. Essa 'overdose' é caracterizada por horas infindáveis de treinamento e longos confinamentos durante a duração das competições. A preocupação inicial não leva em conta a criança, com todas as suas particularidades e idiosincrasias: fase de desenvolvimento, organismo, metabolismo, sua psicologia. Só a obtenção de resultados. Fica-se engajado precocemente num caminho que leva ao vedetismo, sinônimo de fracasso para a grande maioria". (Folha de S. Paulo Cad. 4 -1 de 20.04.97)

Como complementação desta advertência do jornalista Roberto Trindade pode-se lembrar as centenas de castrações a que eram submetidos meninos, por determinação dos próprios pais, com o sonho de ver um filho tornar-se um cantor famoso. E isto num passado não muito distante, pois o último deles faleceu em 1913. Na verdade, para a maioria foi o fracasso total, para outra parte considerável, a morte prematura por infecções devido a uma castração mal feita, para alguns, um número reduzidíssimo, o estrelato. Talvez, para os especialistas no assunto, estes poucos justificassem as mutilações de muitos. Seria, para os nossos dias, o mesmo que o pódio ou a medalha de algumas centenas de esportistas justificarem os sacrifícios de milhares de crianças e de jovens entregues a estafantes treinamentos e, não raro, sob os estímulos de drogas químicas.

Uma ampla reportagem, neste sentido, sobre esportes em geral, da Folha de S. Paulo, mostra que nadadores, jogadores de vôlei e basquete, judocas, tenistas e ginastas infantis são obrigados, pelo desejo de pais e técnicos, a viver em função da conquista de uma medalha. Pesquisa feita com 198 velocistas, nadadores, halterofilistas e atletas de outras modalidades, muitos deles do time olímpico dos EUA, aponta que 195 usariam substâncias proibidas com duas garantias: não ser pego e vencer; mais da metade faria o mesmo sabendo que poderia morrer em decorrência dos efeitos colaterais. (Publicação Folha de S. Paulo Cad. 4 - 1 de 20.04.97).

Os modernos centros científicos e tecnológicos de treinamento esportivo fizeram de Cassius Clay ou Mohamed Ali, o maior boxeador do século. Hoje, a ciência assiste impotente a lenta delapidação desta imponente construção muscular atlética pelo mal de Parkinson e consequência das lutas.

Diante destes fatos pode-se concordar com esta conclusão do Prof. Ernildo Stein. "Assim, se no começo, o 'progresso técnico' era bem e somente bom; se depois o 'progresso técnico' passou a ser bem em si mesmo, mas utilizado mal (ou para o mal) pelo sistema social existente; agora são cada vez mais numerosas as pessoas que pensam que a técnica é má em si mesma." (Rev. Geempa, n.1, 1993). Fica curioso observar que a ciência sabe reconstituir no laboratório vitaminas de síntese, nos distribui a domicílio um sol químico e produz o ar climatizado, contrariamente, nos ensina, também, que o homem não pode privar-se impunemente de fontes vivas e de ar não poluído. Em nome desta segunda lição nos envia aos campos e às montanhas para refazer nossas forças, esgotadas pelos ambientes poluídos, de que ela é a responsável primeira. Isto seria cinismo?

Fica cada vez mais claro que diante do mundo, gerenciado predominantemente pelas ciências e pela técnica, a humanidade consegue encontrar alternativas para fazer suas escolhas. Tudo depende da compreensão que se faz da vida em geral, da vida humana em particular e do universo como um todo.

ALTERNATIVAS E ESCOLHAS

Os debates sobre a cientificidade e a técnica decorrentes das ciências empíricas acabaram por oferecer diferentes alternativas à escolha da humanidade. Em certos momentos tais alternativas apresentam-se como sendo excludentes. Ou é uma, ou é outra. Na realidade as dificuldades de conciliação não são pequenas, talvez, não se trate de conciliar e sim de saber quais os recursos mais adequados para solucionar os problemas que nos afligem, ou para projetar a vida que queremos levar. Em outras palavras, é o projeto de vida que deve ser o ponto de partida para definir o que queremos saber e como devemos fazer e viver.

Num primeiro momento pode-se colocar dois pontos extremos, entre os quais forma-se a cadeia de alternativas. De um lado está a negação total da ciência e da técnica. Esta maneira de pensar está muito bem sintetizada por Umberto Eco ao fazer a distinção entre intelectuais apocalípticos e integrados dizendo que "acuados pela sociedade

tecnológica, os intelectuais contemporâneos se refugiam numa retórica alarmista". No outro extremo estão os que acreditam, como Marvin Minsky, no desenvolvimento de máquinas dotadas de "inteligência artificial". E, aos poucos, essas obras-primas "assumirão a sua própria educação. Em alguns anos elas alcançarão o nível do gênio, e depois o seu poder será incalculável"; a tal ponto que "teremos sorte se elas resolverem nos conservar como animais domésticos". (Do caos à inteligência artificial p. 207).

Evitando colocar a questão em forma de um dilema sem diálogo, pode-se descrever algumas situações menos radicais, mas muito provocativas. Por exemplo, para Albert Jacquard, "é sabendo negar os dados de nossos sentidos, e imaginando teorias mais fiéis à realidade, que nos tornamos co-autores de nós mesmos e do mundo". Sabemos, entretanto, que o mundo nos entra pelos sentidos. (Do caos à inteligência artificial p.150). Albert Einstein, diante disto, nos adverte corretamente dizendo: "para marchar, não é preciso ter cérebro, a medula espinhal é suficiente".(Como vejo o mundo p. 12). Ou, então, pode-se considerar que temos à nossa disposição tanques e máquinas de lavar, velas e lâmpadas. Sob o ponto de vista da tecnologia ninguém vai dizer que as velas são superiores às lâmpadas e que os tanques são melhores que as máquinas, entretanto há circunstâncias e momentos em que as velas podem ser mais adequadas para comemorar, num jantar íntimo e romântico, o aniversário e não sob a luz de holofotes.

Assim, não se trata de contrapor pura e simplesmente razão e coração, mas saber quando é melhor a lógica ou o sentimento para atender as exigências do momento. É fundamental saber quando a ciência se torna indispensável e quando é preciso apelar para outras instâncias, não científicas, como as do senso comum e da intuição, para preservar outras dimensões do homem e, por que não, do universo. A questão fica melhor exposta por esta observação de Hubert Dreyfus, "um computador com a melhor performance, o mais potente, não pode 'apreender' um conto que uma criança de quatro anos compreenderia, pois esta possui o senso comum, enquanto que o computador só possui lógica. Não tendo corpo, emoções e linguagem, não pode 'compreender' as coisas que para nós são justamente as mais simples". (Do Caos à Inteligência Artificial p. 211). Neste ponto volto a lembrar os robôs do Henfil diante da pergunta, o que é a beleza?

O funcionamento do robô é, sem exagero, uma radicalização dos procedimentos impostos ao pesquisador empírico e racional. A pesquisa científica impõe a necessidade de se preestabelecer o que se vai pesquisar e o que se quer saber. Este tipo de observador julga-se incapaz de observar se antecipadamente não estabelecer o que vai observar. Impossível admitir observar pelo observar. Observar, simplesmente, o que ocorre, o que está presente, o que se manifesta.

O comportamento do cientista é questionado por Rubem Alves ao compará-lo ao pescador que sai já com anzóis e redes para a pesca. Pela escolha dos instrumentos do material de pesca já definiu o tipo de peixes que pretende apanhar, caso nada apanhe conclui que naquele rio não há peixes. (Filosofia da Ciência p. 92). Ou então pode-se comparar às intenções de Fernão Dias de procurar esmeraldas pelo sertão brasileiro. Organizou várias bandeiras, diz a história do Brasil, com o firme e exclusivo propósito de

descobrir jazidas destas pedras preciosas, tão cobiçadas na época. Por fim encontrou algumas que, depois, constatou-se, eram falsas. Talvez, se sáísse com o simples propósito de observar tudo o que encontrasse no caminho, certamente, teria encontrado outros tipos de minerais preciosos ou belezas naturais. Estava obcecado pela mentalidade comercial da época e por um tipo de pedras preciosas, as esmeraldas.

Pensar cientificamente é apenas um exercício de pensar, embora, seja o mais valorizado, não tanto pelo valor de pensar, mas porque possui uma força instrumental poderosa em função de seu desdobramento como ação técnica. Voltemos a lembrar a definição de Cliford, "a verdade científica não é a que podemos idealmente contemplar sem erro, mas aquilo sobre cuja base podemos agir sem temor".

Desde que se inventaram maneiras de pensar, com o objetivo de instrumentalizar a ação humana, criou-se, também, os locais onde se ensinam os modelos teóricos deste pensar e oferecer as condições para o exercício de sua aplicabilidade. Com isto passou a época em que se esperava que a filosofia dissesse o que é certo pensar.

Com a invenção de estruturas exemplares de pensar levanta-se uma questão fundamental, o que significa pensar? Heidegger, em sua obra *Was heisst Denken?* (O que se chama pensar?), desenvolve amplamente esta questão. Inicia dizendo que pelo fato de nos colocarmos a questão do significado do pensar, admitimos que ainda não pensamos. Há, entretanto, duas atitudes no exercício de pensar, uma que pretende pensar a realidade, a outra que aceita a provocação da realidade que faz pensar. Há, portanto, os que pensam com modelos preestabelecidos, guiados por normas lógicas e com uma visão instrumental, atribuindo-se o dever de afirmar a realidade do mundo exterior e a possibilidade de o conhecer, porque usam determinadas lunetas. Daí a competência atribuída às ciências de determinar o lugar do homem e de colocar-se como critério da determinação da realidade. Há, também, os que pensam como os poetas, livremente. Estes se colocam na posição de que é a realidade do mundo que os faz pensar. Não se pensa a coisa. A coisa faz pensar. A ideia de que as coisas nos fazem pensar foi complementada por Heidegger em seu pequeno livro, *Aus der Erfahrung des Denkens* (Da experiência do pensar), no qual afirma: "nós nunca chegamos aos pensamentos. Eles vêm a nós". Portanto pode-se concluir que, de um lado, está a arte e, do outro lado, a técnica de pensar.

Nestas circunstâncias parece que a reflexão filosófica deveria tomar emprestada a ideia heideggeriana reconhecendo a especificidade mesma do conhecer filosófico presente na possibilidade de interrogar o já-dado, desinstalando-nos dele e nos jogando na liberdade do poder-ser, sem nos conduzir a lugar nenhum já previamente definido.

Pensar cientificamente poderá significar pensar segundo regras, o que garante encontrar outro indivíduo que pense da mesma maneira e a mesma coisa; pensar filosoficamente poderá, também, exigir obediência a alguma regra, mas não necessariamente que se pense a mesma coisa. Heidegger, mais uma vez, parece dar o tom ao exercício do filosofar dizendo que "desde que temos a coisa diante dos olhos e no coração a atenção à palavra, o pensar é bem sucedido". (Da Experiência do Pensar p. 33). O pensar científico garante a concordância dos outros; o pensar filosófico poderá ser apenas

uma maneira diversa de pensar. Esta aparente fraqueza pela diversidade do pensar filosófico pode ser desmentida por Albert Jacquard, pois, segundo ele "a nossa riqueza coletiva é constituída por nossa diversidade, 'o outro', indivíduo ou sociedade, é precioso para nós na medida em que é diferente de nós." Entre os homens, entre as populações, não há desigualdade, mas diferença, complementaridade mesmo e lembra estas palavras de Saint-Exupéry 'Se difiro de ti, longe de te fazer mal, torno-te maior'. Do caos à inteligência artificial p. 144).

Para concluir é bom que se afirme que passou a época em que se esperava que a filosofia dissesse o que é certo pensar, poderá haver ainda aqueles que atribuem à filosofia o papel de juiz da verdade e da falsidade. Esta controvérsia parece bem solucionada pelo psicólogo norte-americano Burrhus Skinner ao dizer que "O verdadeiro problema não é saber se as máquinas pensam, mas descobrir se os homens o fazem". (Col. Pensadores)